



## Ensinando Teoria da Comunicação em um curso de Letras: esboço de uma leitura de micro-história de um livro-texto de 1985<sup>1</sup>

Luís Mauro Sá MARTINO<sup>2</sup>

### Resumo:

Este artigo examina um livro-texto de Teoria da Comunicação, de circulação restrita, voltado para estudantes de Letras da Universidade Estadual Paulista *Campus* de Assis (Unesp/Assis), *Introdução à Teoria da Comunicação*, de Rafael Eugenio Hoyos-Andrade (1985). Delineiam-se aspectos dos significados atribuídos à disciplina, bem como seus conceitos centrais, na ótica de uma outra área. A partir de uma leitura que toma de empréstimo conceitos da micro-história, observa-se que (1) o livro oferece uma ampla gama de conceitos de comunicação, indicando a ausência de consenso sobre o tema; (2) apesar disso, foca principalmente nos meios de comunicação de massa e na teoria da informação (também descrita como “semiologia”); (3) a bibliografia se pauta em títulos de várias disciplinas, da sociologia à linguística e à semiótica. Esses pontos são tratados em suas interseções com problemas epistemológicos contemporâneos da Comunicação.

**Palavras-chave:** Comunicação; Teoria da Comunicação; ensino; década de 1980; Unesp.

## Teaching Communication Theory to Literature students: a micro-history sketch reading of a textbook from 1985

### Abstract:

This text examines a textbook on Communication Theory, of restricted circulation, aimed at Literature students at Universidade Estadual Paulista Campus de Assis (Unesp/Assis), *Introduction to Communication Theory*, by Rafael Eugenio Hoyos-Andrade (1985). Aspects of the meanings attributed to the discipline are outlined, as well as its central concepts, from the perspective of another area. From a reading that borrows concepts from microhistory, it is observed that (1) the book offers a wide range of communication concepts, indicating the lack of consensus on the topic; (2) despite this, it focuses mainly on mass media and information theory (also described as “semiology”); (3) the bibliography is based on titles from various disciplines, from sociology to linguistics and semiotics. These points are treated at their intersections with contemporary epistemological problems in Communication.

**Keywords:** Communication; Communication Theory; teaching; 1980s; Unesp.

<sup>1</sup> O trabalho foi realizado com apoio de bolsa de produtividade do CNPq, processo no. 305133/2022-5.

<sup>2</sup> Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor da Faculdade Cásper Líbero (FCL). Professor-visitante do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM-UFMG).





## Enseñar de la Teoría de la Comunicación en un curso de Literatura: esbozo microhistórico de lectura de un libro de 1985

### Resumen:

Este artículo analiza un libro de texto sobre Teoría de la Comunicación, de circulación restringida, dirigido a estudiantes de Letras de la Universidad Estadual Paulista Campus de Assis (Unesp/Assis), *Introducción a la Teoría de la Comunicación*, de Rafael Eugenio Hoyos-Andrade (1985). Se esbozan aspectos de los significados atribuidos a la disciplina, así como sus conceptos centrales, desde la perspectiva de otro ámbito. A partir de una lectura que toma prestados conceptos de la microhistoria, se observa que (1) el libro ofrece una amplia gama de conceptos comunicativos, lo que indica la falta de consenso sobre el tema; (2) a pesar de esto, se centra principalmente en los medios de comunicación y la teoría de la información (también descrita como “semiología”); (3) la bibliografía se basa en títulos de diversas disciplinas, desde la sociología hasta la lingüística y la semiótica. Estos puntos se tratan en sus intersecciones con los problemas epistemológicos contemporáneos de la comunicación.

**Palabras clave:** Comunicación; Teoría de la Comunicación; enseñanza; años 1980; Unesp.

### Introdução

Quando o professor Rafael Eugenio Hoyos-Andrade, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), precisou lecionar um curso de Teoria da Comunicação, em 1985, o cenário dessa disciplina parecia estar em plena consolidação. Havia uma crescente produção acadêmica sobre o tema naquele momento: eram pelo menos sete publicações com esse título desde a década de 1960, representando quase duas décadas de estudos sobre o tema. Aspectos disciplinares eram objeto de reflexões de Lins da Silva (1979), Venício Lima (1983) e Epstein (1987), dentro de quadro mais amplo de formação da Área de Comunicação. Estavam disponíveis em português estudos como os de Wright (1973), Berlo (1978) e Littlejohn (1982), além dos textos das coletâneas de Luiz Costa Lima (1969), Cohn (1971), Steinberg (1972) e Mortensen (1980). Três periódicos da Área, ainda hoje em circulação em formatos diversos, já haviam sido criados: *Significação*, em 1974, *Comunicação & Sociedade* e *Intercom*, em 1978.

No entanto, existiam lacunas e dificuldades. Os livros intitulados “Teoria da Comunicação” ofereciam contribuições focalizadas em um ou outro aspecto do fenômeno comunicacional, em uma divisão que ia dos estudos da linguagem aos meios de comunicação de massa.





Esse cenário talvez fosse o suficiente para criar uma série de problemas na definição dos conteúdos da disciplina. Mas Hoyos-Andrade poderia ter uma preocupação adicional: ele não ia lecionar Teoria da Comunicação para estudantes de Jornalismo ou de Relações Públicas, em uma das faculdades de comunicação em funcionamento na época. No Instituto de Letras, História e Psicologia (ILHPA) do *Campus Assis* da Unesp, deveria ensinar Teoria da Comunicação para estudantes de Letras.

Diante do que parece ter sido a ausência de material para a disciplina, sua escolha foi criar uma apostila, editada como livro e intitulada *Introdução à Teoria da Comunicação*.

Trata-se de um volume de 234 páginas, trazendo o título e o nome do autor na capa, mas não na lombada. A indicação da editora é “ILHPA/UNESP” e, logo abaixo, local e data: “Assis / 1985”. Uma primeira flutuação de significado: na última folha do livro, a informação é “Primeira edição Março de 1986”. Teria sido o livro elaborado em 1985, mas publicado apenas no ano seguinte? Nesse caso, quando teria sido posto em circulação para os estudantes? Como a data “1985” se repete na folha de rosto e ao final da apresentação, seria a outra algum erro de impressão? A fonte não permite escolher uma dessas explicações.

A produção (“Composição, fotolito e impressão em offset”, conforme consta) ficou a cargo da gráfica do ILHPA. “Gráfica”, não “editora”, e isso sugere uma diferença: não se trata, ao que parece, de um livro voltado para um público mais amplo em uma editora comercial ou universitária – a Editora da Unesp só seria fundada em 1987 –, mas a alunas e alunos. Trata-se, portanto, de material didático, aspecto reforçado, ao final dos capítulos, pela presença de um item intitulado “exercícios”, com propostas e perguntas para atividades individuais ou em grupo, e outro chamado “leituras”, com a transcrição de algum trecho de autora ou autor.

Ao que parece, a história dessa escala micro do ensino de Comunicação ainda demanda estudos. Se há uma preocupação em escala mais ampla, como sugerem Lins da Silva (1979), Braga (1992), Moura (2002), Lopes (2003), Bonin (2005) ou Sodré (2008), raramente se procura no cotidiano das salas de aula, para além das questões didáticas e pedagógicas, pistas sobre aspectos epistemológicos referentes ao ensino.

As teorias de uma área parecem encontrar um lugar especial de materialidade, presença e discussão nos currículos e programas de ensino. O momento da sala de aula, tanto





quanto das práticas de pesquisa, das quais não pode se dissociar, permitem delinear aspectos cotidianos, mas igualmente importantes, das práticas epistemológicas de uma área (Bachelard, 1977). No entanto, nota-se certa restrição desses documentos à memória institucional, raramente ganhando maior visibilidade (Camargo, 1970; Flusser, 2007; Martino, 2019, 2020).

O livro foi encontrado quase por acaso, durante uma busca por obras de Teoria da Comunicação em livrarias virtuais. Não há pistas sobre sua utilização ou dos caminhos percorridos nas quase quatro décadas entre sua produção e aquisição. Nenhuma ficha de biblioteca ou indicação de vínculo institucional; pode-se apenas especular que ela tenha sido distribuída – ou, eventualmente, vendida – aos estudantes do curso. Sabe-se, no entanto, que esse exemplar ainda tinha algum tipo de uso no final das décadas de 1990 ou início de 2000: há, na primeira página, dois nomes (“Henrique ou Fernando”) e três telefones: dois com oito dígitos, o que em algumas capitais significa que começou a ser usado não antes dos anos 2000, e um celular, também com oito dígitos, que passaram a ser nove partir de 2010.

Entendido como documento histórico, o texto de Hoyos-Andrade (1985) permite observar alguns aspectos do que se entendia por Teoria da Comunicação e, de modo um pouco mais amplo, por Comunicação naquele período. São endereçadas ao objeto algumas questões: o que era considerado “Teoria da Comunicação” naquele momento? Quais conceitos de comunicação eram acionados como base epistemológica? De que maneira limites disciplinares e institucionais se apresentam nesse texto?

Seu interesse é ampliado pelo fato de se tratar de um texto escrito para um curso de Letras, não de Comunicação. Esse posicionamento disciplinar oferece um dado raro: um olhar de outra área do saber sobre os aspectos teóricos e conceituais da Comunicação. O texto, nesse sentido, prossegue discussões levantadas por um objeto semelhante, desenvolvido em um momento anterior (Martino, 2019).

Para tanto, em termos metodológicos, trabalha-se a partir de um diálogo com aspectos da chamada “micro-história”, definida por Barros (2007), Chartier (2009) e Levi (1992), entre outros, como um olhar voltado para a compreensão dos detalhes do objeto e, sobretudo, para as tramas de relações nas quais se insere. Trata-se de buscar colocar o objeto, em sua singularidade, em diálogo com a trama de sua época, procurando encontrar traços de suas relações com seu contexto e nas temporalidades subsequentes.





Vale assinalar de saída que não existe a pretensão de discutir ou problematizar os aspectos teóricos e conceituais da micro-história, remetendo-se, para tanto, aos textos mencionados de Levi (1992) ou Grendi (2009). Se o objeto demanda um trânsito metodológico entre fronteiras disciplinares, mantêm-se em vista as questões de campo: sem ter sido escrito por uma historiadora ou historiador, este artigo se arrisca ao diálogo interdisciplinar consciente de suas limitações.

Dentro dos pressupostos da micro-história está a noção de compreender a maneira como objetos de pequena escala se inscrevem dentro de processos mais amplos, a partir dos quais se pode evitar não apenas uma dicotomia entre “objeto” e “processo”, mas também colocar as limitações do próprio objeto empírico como ponto de consideração epistemológico. Trabalha-se, dessa maneira, a partir da busca de “indícios”, como denomina Ginzburg (2009), que não perdem de vista a incompletude do estudo e da elaboração de uma narrativa a partir dele. Dessa maneira, a análise em escala micro desse texto permite inscrevê-lo em uma história mais ampla do pensamento comunicacional, entendido em suas problemáticas teóricas e epistemológicas.

As limitações do objeto, colocadas em primeiro plano, remetem para o fato de se tratar de um texto didático, pensado em termos de apoio para a sala de aula. Por isso, sua inscrição em um discurso mais amplo sobre a história das teorias da comunicação não acontece, situando o livro de Hoyos-Andrade no mesmo espaço dos livros publicados a respeito do assunto, mas como ponto de inflexão desse pensamento.

Há, no micro, vislumbres do macro, desde que sejam respeitadas as limitações de um objeto em pequena escala. Deixa-se de lado, assim, qualquer pretensão à elaboração de um discurso que se apresente como verdade a respeito de uma época, sobretudo quando se trabalha a partir do olhar lançado a um objeto com um intervalo de quase quarenta anos.

### **Aspectos formais: entre o livro e a apostila**

Os aspectos formais do objeto, bem como a distribuição de seu conteúdo, merecem um comentário preliminar no sentido de situar os próximos itens. Trata-se de um volume de 15,5 por 20,5 centímetros, 232 páginas, lombada quadrada. A capa e contracapa são de papel cartonado, em contraste com o papel utilizado nas páginas, mais fino, mas, ainda assim, de





boa gramatura.

À primeira vista, teria tudo para ser considerado um livro – como, aliás, era comercializado na loja virtual onde foi adquirido. No entanto, essa caracterização talvez não seja a mais exata para descrevê-lo. A intenção do autor, conforme diz na apresentação, é a elaboração de material para as alunas e alunos do curso, e as marcas dessa origem didática são visíveis ao longo do volume.

Cada capítulo é aberto com a exposição da bibliografia utilizada, como poderia fazer uma professora ou professor ao apresentar as referências de aula. Passa-se então à apresentação dos conceitos, geralmente a partir de citações de outros livros e comentários do autor. Essa parte é esquemática, com o predomínio de parágrafos curtos. Os temas são divididos em termos de complexidade e numerados a partir de níveis de subordinação (1, 1.1, 1.2, 1.2.1) chegando até quatro casas decimais nos trechos mais detalhados.

A sequência se encaminha para o que seria um “fim de aula”, um item chamado “exercícios”, questões ou propostas para reflexão. Eles se desenvolvem, em sua maior parte, no terreno conceitual ou especulativo, mas também convidam à reflexão sobre o cotidiano. Uma leitura de um ou dois parágrafos de alguma autora ou autor encerra o capítulo.

A diagramação, bem como o uso de uma fonte sem serifa, remete a um texto datilografado, com sublinhados no lugar de negritos – usados com parcimônia, parecem ser mais frutos de uma dupla utilização dos tipos do que propriamente uma outra fonte. O texto é justificado e não há marcas de parágrafos.

O autor, Rafael Eugênio Hoyos-Andrade, foi professor do curso de Letras da Unesp/Assis, onde começou a lecionar em 1973. Em seu currículo Lattes, em um estilo pouco usual por seu caráter narrativo, indica: “Comecei a lecionar em agosto de 1975, como professor em tempo parcial. Passei a professor em tempo integral no primeiro semestre do ano seguinte. Defendi concurso de Titular em 1989”. Foi graduado em Filosofia e Letras pela Pontifícia Universidad Católica Javeriana em 1956, com mestrado em Fonética na Sorbonne (1966) e doutorado em Letras na Universidade Complutense de Madrid (1968), dedicando-se quase exclusivamente à Linguística.

Isso apenas torna mais instigante pensar nas razões da escrita, em 1985, de um livro de Teoria da Comunicação. Como consta na apresentação (Hoyos-Andrade, 1985, p. 3), ele já





lecionava a disciplina há oito anos quando decidiu escrever o livro. Isso coloca o ano de 1977 ou 1978 como data de inclusão da matéria no curso de Letras. A matéria segue as obrigatórias do curso de Letras, não mais no curso de Assis, mas em Araraquara (Unesp, 2023).

O livro é publicado no contexto da redemocratização, no final de 21 anos de governos militares, mas também no rescaldo da derrota do movimento “Diretas Já!”, em 1984, e do falecimento de Tancredo Neves. Observa-se, no livro, pouco tangenciamento com esses eventos.

Ao mesmo tempo, é importante situá-lo dentro do ambiente midiático de sua época, com o predomínio da televisão como dominante, destacando a hegemonia da Rede Globo de Televisão. Jornais impressos, revistas, rádio e cinema completavam uma indústria cultural consolidada que tinha na produção de novelas, minisséries e programas de auditório seus principais produtos (Ortiz; Borelli; Ramos, 1989; Ortiz, 1994).

Desse cenário político e midiático, o livro de Hoyos-Andrade extrai uma preocupação com a importância e o poder da comunicação na sociedade, e faz uma breve menção ao controle dos meios em governos autoritários, na página 179, trabalhando a partir de Wright (1973).

### **O lugar da disciplina Teoria da Comunicação em um curso de Letras**

O que um livro para o ensino de Teoria da Comunicação está fazendo em um curso de Letras? A pergunta poderia ser mais direta: o que faz essa disciplina lá? Nas palavras do autor:

A razão parece óbvia: a inclusão no currículo de Letras de uma disciplina expressamente comunicacional (“Introdução à Comunicação”, ou “Teoria da Comunicação”, ou “Teoria da Informação” ou “Noções de Semiologia”, etc. é coisa muito recente e ainda restrita a algumas poucas faculdades (Hoyos-Andrade, 1985, p. 3).

Essa indicação permite derivar algumas interpretações. Quatro nomes são utilizados para caracterizar essa Área de conhecimento: “Teoria da Comunicação” figura de maneira intercambiável com “Introdução à Comunicação”, “Teoria da Informação” e “Noções de Semiologia”. Essa flutuação pode ser pensada dentro das características dos próprios estudos





de Comunicação, sobretudo quando se tem em mente que essas ambivalências em relação ao nome estavam presentes na bibliografia de Teoria da Comunicação disponível naquele momento (Martino, 2011, 2018, 2019).

A elasticidade desse campo parece ter permitido uma série bastante ampla de aproximações e apropriações com outras áreas do conhecimento. Para entender alguns aspectos de sua localização em um curso de Letras, vale observar certas características do estudo da Comunicação que, de alguma maneira, podem ter facilitado esse processo.

Desde sua origem e institucionalização, ainda no final da década de 1960 e início dos anos 1970, os cursos de Comunicação se caracterizaram por uma persistente ambiguidade em relação aos seus limites disciplinares. O próprio nome dos cursos era um elemento em disputa, como recorda Pignatari (1971), tanto em termos epistemológicos quanto políticos, assinalado também por Martino (2012). Na década de 1980, essa questão ainda não parecia ser objeto de consenso. Hoyos-Andrade (1985, p. 33) assinala esse ponto:

O surgimento de Faculdades de Comunicação em diferentes lugares do país e com nomes inteiramente diversos: Faculdades de Comunicação Social; Faculdades de Comunicação e Artes; Faculdades de Ciências da Comunicação; Faculdades de Comunicação, etc. (Hoyos-Andrade, 1985, p. 33).

Seria possível, acompanhando ainda Pignatari (1971), Lins da Silva (1979) e Venício Lima (1983), recordar que desde o início dos cursos foi colocada uma série de perguntas a respeito do que poderia constituir suas disciplinas.

O cenário se caracterizava por uma ambiguidade: diferentes disciplinas elegiam recortes de fenômenos aos quais denominavam “comunicação”, para estudá-los de acordo com seus próprios métodos e conceitos. Assim, uma Psicologia ou Sociologia da Comunicação elegeria seu próprio objeto dentro do que entenderia por “comunicação” e o submeteria aos seus critérios, propósitos e finalidades de investigação, procedimento comum na produção de conhecimento.

No entanto, isso criava um problema para a delimitação institucional da Comunicação: qual seria seu recorte em relação aos fenômenos comunicacionais? Quais seriam suas abordagens específicas, próprias de seu campo? A institucionalização da pesquisa em







Comunicação parece ter se dado a partir da agregação progressiva de saberes e olhares dirigidos a objetos definidos, em cada uma dessas perspectivas, como “comunicação”, e isso não escapa ao autor:

Diz-se que o conceito de comunicação é interdisciplinar porque aparece ligado a diferentes áreas de conhecimento. [...] Essa natureza universal da comunicação faz com que exista um número ilimitado de possíveis definições, dependendo da área do conhecimento onde se coloque o definidor (Hoyos-Andrade, 1985, p. 19, sublinhado do autor).

O aporte de saberes de outros campos parece ter criado uma indefinição de base: se outras áreas trabalhavam na elaboração de teorias da comunicação, qual seria a especificidade da disciplina “Teoria da Comunicação”? O que a diferenciaria, em um currículo, de “Sociologia da Comunicação” ou “Antropologia da Comunicação”? Chegava-se, no limite, a uma ambivalência que, concentrada na disciplina “Teoria da Comunicação”, revelava-se como um problema de toda a Área de Comunicação em termos de suas definições epistemológicas, institucionais e disciplinares. Daí a possível compreensão da utilização de nomes diversos para designar o conteúdo de Teoria da Comunicação.

Um olhar para a bibliografia da Área na época de publicação de Hoyos-Andrade, feito em outros momentos (Martino, 2011, 2012), aponta para a existência de uma ausência de consenso a respeito de questões fundamentais da Área (objeto, métodos, conceitos), em uma perspectiva que, nas palavras de Braga (2010), se afasta de uma bem-vinda diversidade para flertar com a dispersão. Notavam-se, dentro desse quadro, duas matrizes epistemológicas predominantes: de um lado, a perspectiva estadunidense de estudos dos meios de comunicação de massa, suas formas de produção, funções, mensagens e efeitos; de outro, investigações de origem europeia sobre linguagem, signos e discurso. Sociologia da Comunicação e Análise de Discurso, secundadas por abordagens antropológicas, semióticas e psicológicas: em linhas gerais, e com o risco inerente a qualquer esquematismo, essas matrizes epistemológicas caracterizaram, e de certo modo ainda o fazem, as abordagens sobre fenômenos delimitados, em cada um desses casos, como “comunicacionais”.

Como recorda Venício Lima (1983), trata-se de uma pluralidade de abordagens que tendem a privilegiar determinados aspectos do conjunto dos fenômenos comunicacionais,



restringindo-os, em nome de uma inteligibilidade, à denominação de “comunicação”. Desse modo, o que é “comunicação” para uma Teoria da Comunicação pode não significar nada em outra; os conceitos centrais de uma podem simplesmente estar ausentes de outra. Não seria de estranhar, portanto, que, no final do primeiro capítulo, em vez de uma noção de comunicação, o autor assinale a pluralidade de abordagens da Área e sua falta de consenso como consequências da polissemia do conceito:

Isto significa, em outras palavras, que uma teoria da comunicação, em geral, não existe ainda como disciplina bem articulada, e talvez nem possa existir, dada a transcendência interdisciplinar do conceito mesmo de comunicação (Hoyos-Andrade, 1985, p. 20).

Na sequência, o autor apresenta definições e enfoques utilizados para estudar a comunicação. Um quadro pode auxiliar no entendimento da proposta (Quadro 01):

Quadro 01 – Enfoques e objetos das teorias da comunicação

<b>Enfoque</b>	<b>Objeto preferencial de estudo</b>
Sociológico	Efeitos sociais da comunicação
Semiológico	Centrado na utilização de sinais, símbolos, etc.
Informacional	Restrito à mera transmissão ou transporte
Psicológico	Destaque das influências entre os organismos
Etimológico	Descrição do processo comunicativo
Semiológico-Social	Estabelecimento de relações sociais a partir da utilização de indícios intencionalmente socializantes

Fonte: Elaborado a partir de Hoyos-Andrade (1985, p. 22).

Hoyos-Andrade (1985) opta, a partir da designação dessas abordagens, por apresentar as várias concepções e abordagens da Comunicação divididas de acordo com o objeto empírico ao qual se dedicam preferencialmente cada uma das teorias, da informação, linguagem e semiótica até uma sociologia dos meios e efeitos.

A análise do item “bibliografia”, ao longo do livro, mostra não só familiaridade com a literatura disponível em língua portuguesa naquele momento, mas também sua disposição em oferecer um panorama sistemático para sua abordagem. Estão presentes estudos voltados para diversos objetivos, e só é possível conjecturar a respeito da recepção que um curso dessa natureza teve entre estudantes de Letras.

A divisão do livro segue o caminho usual trilhado na bibliografia daquele momento, dividindo a questão por temas, como nos cursos de Camargo (1970) e Flusser (2007). Está



ausente a divisão por escolas teóricas que se tornaria uma espécie de padrão a partir da década de 1990. Não existem, por exemplo, menções à “Escola de Frankfurt” ou “Funcionalismo Norte-Americano”.

Note-se, ao longo do índice, a adjetivação: a expressão “comunicação humana” permeia o título de todos os capítulos, exceto o penúltimo, voltado ao estudo da comunicação de massa. Quais seriam as razões dessa ênfase? O termo, como adjetivo, estava presente no título das obras de Dance (1973) e Littlejohn (1982) para delimitar sua investigação, excluindo troca de informações entre máquinas ou sistemas eletrônicos.

O livro, explica Hoyos-Andrade (1985, p. 4, sublinhados do autor),

[...] centra-se na Comunicação Humana, com ênfase particular na Comunicação Linguística (aquela que justamente mais interessa ao estudioso da linguagem que é, por vocação, o estudante de Letras), e oferece uma visão suficientemente completa e coerente dos diferentes aspectos ligados ao processo comunicativo humano. O ponto de vista unificador é a ideia mesma da comunicação como processo.

Talvez não seja de estranhar, diante desse quadro, a presença de uma disciplina intitulada “Teoria da Comunicação” em um curso de Letras. A amplitude do conceito de Comunicação, tal como aparecia na bibliografia do período, era suficiente para permitir esse tipo de articulação sem maiores problemas: se é possível ter uma disciplina chamada “Teoria da Comunicação” em uma faculdade de arquitetura e urbanismo, como indicado em Martino (2019), ela é igualmente bem-vinda em um curso de Letras. A ausência de especificidade parece dialogar, nesse caso, com intersecções disciplinares a partir de contatos eletivos com outras áreas do saber. Isso pode ser verificado, em particular, quando se observa o campo temático coberto pelo livro, tema do próximo item.

### **O panorama temático alocado em Teoria da Comunicação**

Quais temáticas eram consideradas “teoria da comunicação” em 1985? Quem foram as autoras e autores lidos para a elaboração do livro de Hoyos-Andrade? Essa pergunta específica pode ser pensada em termos mais gerais no questionamento a respeito do que se poderia ler como “Teoria da Comunicação” em 1985.

O livro é dividido em dez capítulos, começando com as noções mais amplas sobre





comunicação (capítulos 1, 2 e 3) para, em seguida, passar a considerações específicas referentes a recortes do fenômeno comunicacional, dedicando-se a questões sobre mensagem, meios, efeitos e condições de produção. Finalmente, discussões sobre cultura de massa:

01. Noção de comunicação em geral e delimitação do conceito.
02. Importância do estudo da comunicação: âmbito e objetivo da comunicação humana.
03. A comunicação humana como processo: seus elementos integrantes.
04. Emissor e destinatário, epistemologia e psicologia da comunicação humana.
05. A mensagem, conteúdo, código, signo. Semiologia da comunicação humana.
06. Os efeitos da comunicação humana. Sociologia da comunicação.
07. Os canais ou meios de comunicação. Tipologia da comunicação humana.
08. O ruído: as barreiras da comunicação humana. Patologia da comunicação.
09. Os meios de comunicação de massa. A cultura de massa.
10. Princípios de uma teoria da comunicação literária. Estética da comunicação humana (Hoyos-Andrade, 1985, p. 2).

Nota-se certo predomínio de discussões sobre o processo comunicacional, interessado ora na construção de esquemas interpretativos, ora no exame mais detalhado de seus componentes, como a composição de frases ou, em menor escala, a natureza técnica dos meios.

Note-se o espaço menor, ocupado no livro, pelo debate sobre cultura de massa. Naquele momento, parte considerável da bibliografia ligada originalmente à Área de Comunicação, em particular à Teoria da Comunicação, se debruçava sobre essa temática, fosse a partir da sociologia ou da semiótica.

Assim como alguns trabalhos correlatos publicados no período, como De Fleur (1976) ou Littlejohn (1982), observa-se uma preocupação em desenvolver uma argumentação que parte de um conceito abstrato de comunicação, quase um modelo geral, ramificando-se para abordagens sobre fenômenos específicos.

A epistemologia apresentada no livro aponta para essa univocidade conceitual que, no entanto, não parece ser suficiente para evitar uma dispersão consideravelmente ampla. Ao longo da obra, o conceito de comunicação parece se ampliar em várias dimensões, a ponto de ser possível questionar em que medida ainda se está falando do mesmo fenômeno. As





ambivalências epistemológicas da comunicação parecem se manifestar na obra como sintomas de uma área que, institucionalizada, ganhou seus contornos disciplinares antes de definir as materialidades de seu conteúdo. Várias concepções de comunicação parecem estar presentes na obra, sendo mostrada ora em uma dimensão pautada em unidades de análise (informação/signo/canal/código), ora em termos das processualidades sociais relacionadas a ela (condições de produção, efeitos sociais, “cultura de massa”) e assim por diante.

Isso parece ser reforçado não só pela amplitude dos temas, mas também pelos referenciais acionados ao longo do livro.

### **A dimensão bibliográfica: entre meios de massa, semiótica e informação**

As indicações bibliográficas presentes no início de cada um dos capítulos mostram uma preocupação didática em abrir horizontes de estudo para alunas e alunos – estamos diante de um texto universitário, vale lembrar. A escolha é explicada pelo autor, destacando a quantidade de obras disponíveis:

A enorme bibliografia referente à comunicação em geral (Teoria da Comunicação) e a disciplinas estreitamente ligadas ao processo comunicacional como a Teoria da Informação (de natureza matemática), a Cibernética, a Informática, a Semiologia (e/ou a Semiótica) (Hoyos-Andrade, 1985, p. 33).

Uma pessoa familiarizada com a bibliografia de Comunicação publicada entre as décadas de 1960 e 1980 não teria dificuldades para identificar as principais obras, autoras e autores disponíveis naquele período: Charles Wright, Eric Buysens, Frank Dance, Colin Cherry, David K. Berlo, Abraham Moles e Luis Pietro. Se alguns desses nomes não têm atualmente uma circulação mais intensa nas discussões teóricas, outros autores mencionados ainda estão presentes nos estudos de Teoria da Comunicação. Theodor W. Adorno e Max Horkheimer (em edição espanhola), Marshall McLuhan e Umberto Eco, citados no livro, ainda fazem parte da bibliografia corrente da Área.

Note-se o predomínio de autores estrangeiros: de 56 autores, 10 são brasileiros: José Marques de Melo, José M. W. Penteado, Teixeira Coelho, Marcelo C. D’Azevedo, Eduardo Portella, Orlando Miranda, Décio Pignatari, Wilson Guarany, Ione Bentz e Adísia Sá. Essas





escolhas contemplam parte considerável da produção sobre Comunicação publicada por autoras e autores brasileiros disponível naquele momento. Hoyos-Andrade (1985) apresenta um posicionamento a respeito desse panorama, destacando a questão do ensino:

Grande número de publicações relativas à Comunicação se ocupa dos problemas psicológicos e sociais originados pelos chamados Meios de Comunicação de Massa. Outros textos destinam-se a alunos das Escolas de Comunicação, e o conteúdo afigura-se, portanto de um caráter mais técnico e às vezes fundamentalmente matemático (Hoyos-Andrade, 1985, p. 3).

De um lado, a bibliografia, como o autor menciona, sobre “meios de comunicação de massa”, como as mencionadas coletâneas de Luiz Costa Lima (1969), Cohn (1971), Steinberg (1972), Rosenberg e White (1973) e Mortensen (1980), acompanhadas de uma considerável produção monográfica que, por seu tamanho, não poderia ser citada nominalmente no espaço de um artigo. Acompanhando Hoyos-Andrade (1985), destacam-se, por exemplo, os estudos de Wright (1973), Miranda (1976) e De Fleur (1976).

Por outro lado, um segundo ramo se dedicava às questões relacionadas ao que hoje seriam considerados estudos de Semiótica e Teoria da Informação. É interessante notar que essas duas áreas eram apresentadas de forma integrada, com o conceito de “signo” sendo equivalente, em alguns casos, ao de “informação”. Além de Hoyos-Andrade, Eco (1974) e Pignatari (1968) apontavam esse mesmo caminho. Nesse segundo ponto podem-se situar os elementos “matemáticos” indicados pelo autor, embora não seja citado na bibliografia o estudo de Shannon e Weaver (1975). Os estudos voltados para a linguagem (apresentada, às vezes, de modo intercambiável como “mensagem” ou “informação”) estariam, de fato, mais próximo da perspectiva de um curso de Letras.

Há autores citados, ao que tudo indica, a partir de comentaristas. A título de exemplo, no capítulo 5, Charles S. Peirce e Charles Morris são mencionados a partir de Maser (1975). Uma das pistas para compreender esse procedimento pode ser a dificuldade de acesso a literatura: em um momento no qual a única maneira de ter acesso a um livro era manuseando seu exemplar físico ou, no máximo, uma fotocópia, o contato com determinadas obras era difícil, quando não impossível – bastava o livro não constar do acervo da biblioteca local para se tornar inacessível. Seria possível pensar, a partir daí, o recurso a comentaristas.





### Considerações finais

A escrita de uma gênese do campo acadêmico da Comunicação, no sentido de mostrar as dinâmicas, trajetórias, posições e tomadas de posição de seus participantes é uma investigação que atravessa múltiplas dimensões, desde as condições de produção acadêmica, como pesquisa Romancini (2006), até a investigação de trajetórias acadêmicas, como no trabalho organizado por Lopes (2016). Esse movimento mostra o que Bourdieu (1976, 2021) entende como um capital científico que permite ao campo refletir sobre si mesmo.

Nesse cenário, o espaço dado ao estudo da maneira como o ensino se intersecciona com as questões epistemológicas da Área de Comunicação ainda parece ter um caminho mais longo a percorrer.

A análise do livro de Hoyos-Andrade (1985) permite situar esse movimento de inclusão e exclusão de autores dentro das dinâmicas epistemológicas do campo da Comunicação. Diante de novas problemáticas apresentadas pela realidade empírica, dentro de um recorte pautado pela preocupação com o fenômeno comunicacional, é possível observar arranjos e rearranjos no que diz respeito ao acionamento de teorias e conceitos capazes de delinear explicações a respeito deles. Podem ser somados a isso os enfoques políticos e sociais de uma época, bem como a maior ou menor validade de uma teoria em relação ao que Quiroga (2013) denomina a “episteme comunicacional” de uma época.

Dito de outra maneira, as condições empíricas e as dinâmicas próprias do campo acadêmico, com o qual dialoga, parecem formar uma articulação tensional pela inclusão ou exclusão de conceitos, temas, autoras e autores dos currículos e livros de uma área. Os discursos teóricos, como qualquer discurso, são produzidos em condições específicas, relacionados a uma época e a um local, e nem sempre ultrapassam esses limites para dialogar com outros momentos e espaços.

A leitura do livro de Hoyos-Andrade, se tomado como indício de recursividades discursivas mais amplas, mas dentro dos limites da microanálise, permite uma leitura a partir da qual se desdobram problemas epistemológicos contemporâneos: ausência de consenso sobre o objeto da comunicação ou quais teorias formam o cânone da Área. Ao mesmo tempo, permite delinear algo da dimensão epistemológica do ensino de Comunicação, aspecto, de certo modo, presente em cada aula.





## Referências

- BACHELARD, Gaston. **O racionalismo aplicado**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- BARROS, José D'Assunção. Sobre a feitura da micro-história. **Opsis**, v. 7, n. 9, p. 167-185, jul./dez. 2007. Disponível em: [https://arquivos.ufrrj.br/arquivos/2020202018def123047752bef02332962/Sobre\\_a\\_Feitura\\_da\\_Micro-Histria.\\_Opsis\\_UFG\\_2007.pdf](https://arquivos.ufrrj.br/arquivos/2020202018def123047752bef02332962/Sobre_a_Feitura_da_Micro-Histria._Opsis_UFG_2007.pdf). Acesso em: 08 jan. 2024.
- BERLO, David K. **O processo da comunicação**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- BONIN, Gianni A. Elementos para pensar a formação e o ensino em teorias da comunicação. **Conexão**, Caxias do Sul, v. 4, n. 8, p. 61-68, jul./dez. 2005.
- BOURDIEU, Pierre. Le champ scientifique. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 2, n. 2-3, p. 88-104, jun. 1976.
- BOURDIEU, Pierre. **Para uma sociologia da ciência**. Reimp. Lisboa: Edições 70, 2021.
- BRAGA, José Luiz. A formação de professores para a Comunicação. In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling (org.). **O ensino de Comunicação: análises, tendências e perspectivas futuras**. São Paulo: Abecom, 1992. p. 79-86.
- BRAGA, José Luiz. Nem rara, nem ausente – tentativa. **Matrizes**, v. 4, n. 1, p. 65-81, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38276>. Acesso em: 5 fev. 2024.
- CAMARGO, Nelly de. **Fundamentos científicos da Comunicação**. São Paulo: ECA/USP, 1970. (Apostila).
- CHARTIER, Roger. **Entre memória e história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- COHN, Gabriel (org.). **Comunicação e indústria cultural: leituras de análise dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações da opinião pública, propaganda e cultura da massa nessa sociedade**. São Paulo: Nacional, 1971.
- DANCE, Frank E. X. (org.). **Teoria da comunicação humana**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- DE FLEUR, Melvin L.. **Teorias de comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- ECO, Umberto. **A estrutura ausente**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- EPSTEIN, Isaac. Um impasse curricular: teoria da comunicação. In: MELO, José Marques de.







- Ensino de Comunicação no Brasil:** impasses e desafios. São Paulo: Eca/Usp, 1987. p. 2-12.
- FLUSSER, Vilém. **Bodenlos:** uma autobiografia filosófica. São Paulo: Annablume, 2007.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais.** 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- GRENDI, Edoardo. Microanálise e história social. *In:* OLIVEIRA, Monica Ribeiro de; ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de (org.). **Exercícios de micro-história.** Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009. p. 19-38.
- HOYOS-ANDRADE, Rafael Eugenio. Introdução à **Teoria da Comunicação.** Assis, SP: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1985.
- HOYOS-ANDRADE, Rafael Eugenio. **Currículo Lattes.** Brasília, DF: CNPq. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5058097520586970>. Acesso em: 08 jan. 2024.
- LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. *In:* BURKE, Peter. **A escrita da história:** novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992. p. 133-161.
- LIMA, Luiz Costa (org.). **Teoria da cultura de massa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- LIMA, Venício. Repensando a(s) teoria(s) da comunicação: notas para um debate. *In:* MELO, José Marques de (coord.). **Teoria e pesquisa em comunicação:** panorama latino-americano. São Paulo: Intercom; Cortez, 1983. p. 85-99.
- LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. Teoria da Comunicação. *In:* FADUL, Anamaria; MELO, José Marques de. **Ideologia e poder no ensino de comunicação.** São Paulo: Cortez, 1979. p. 191-211.
- LITTLEJOHN, Stephen. **Teorias da Comunicação humana.** Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. A pesquisa e o ensino nas escolas de comunicação. *In:* PERUZZO, Cicilia Maria Krohling; SILVA, Robson Bastos da. **Retratos do ensino em comunicação no Brasil:** análises e tendências. São Paulo: Intercom: Unitau, 2003. p. 283-293.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Epistemologia da comunicação no Brasil:** trajetórias autorreflexivas. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes, 2016.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. O que foi teoria da comunicação? Um estudo da bibliografia entre 1967-1986. **Revista Comunicação Midiática**, v. 6, n. 1, p. 118-133, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/344>. Acesso em: 08 jan. 2024.





MARTINO, Luís Mauro Sá. O diálogo entre fatores políticos e epistemológicos na formação do campo da Comunicação no Brasil. **Folios**, n. 28, p. 161-177, 2012. Disponível em: <https://revistas.udea.edu.co/index.php/folios/article/view/15108>. Acesso em: 08 jan. 2024.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Dos “Fundamentos Científicos” à “Teoria da Comunicação”: uma controvérsia epistemológica nas origens da Área. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 21, n. 3, p. 107-122, out./dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/50137>. Acesso em: 08 jan. 2024.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Uma apostila de Teoria da Comunicação de 1970. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 8, n. 1, p. 54-70, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/7520>. Acesso em: 08 jan. 2024.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Um curso de Teoria da Comunicação de Vilém Flusser: dimensão epistemológica e projeto pedagógico. **InTexto**, Porto Alegre, n. 51, p. 83-102, dez. 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/100665>. Acesso em: 08 jan. 2024.

MASER, Siegfried. **Fundamentos de teoria geral da comunicação**: uma introdução a seus métodos e conceitos fundamentais. São Paulo: EPU, 1975.

MIRANDA, Orlando. **Tio Patinhas e os mitos da comunicação**. São Paulo: Summus, 1976.

MORTENSEN, C. David. **Teoria da Comunicação**: textos básicos. São Paulo: Mosaico, 1980.

MOURA, Claudia Peixoto de. **O curso de comunicação social no Brasil**: de currículo mínimo às novas diretrizes curriculares. Porto Alegre: EdPUCRS, 2002.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ORTIZ, Renato; BORELLI, Silvia Helena Simões; RAMOS, José Mário Ortiz. **Telenovela**: história e produção. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PIGNATARI, Décio. **Informação. Linguagem. Comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 1968.

PIGNATARI, Décio. **Contracomunicação**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

QUIROGA, Tiago. **Pensando a episteme comunicacional**. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2013.

ROMANCINI, Richard. **O campo da Comunicação no Brasil**: institucionalização e capital científico. 2006. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de





São Paulo, São Paulo, 2006.

ROSENBERG, Bernard; WHITE, David Manning (org.). **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Cultrix, 1973.

SHANNON, Claude; WEAVER, David. **Teoria matemática da comunicação**. São Paulo; Rio de Janeiro: Difel, 1975.

SODRÉ, Muniz. Ensinar e pesquisar. In: MOREIRA, Sonia Virgínia; VIEIRA, João Pedro Dias (org.). **Comunicação: ensino e pesquisa**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008. p. 71-90.

STEINBERG, Charles Side. **Meios de comunicação de massa**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

WRIGHT, Charles R. **Comunicação de massa: uma perspectiva sociológica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bloch, 1973.

Submetido em: 15.08.2023

Aprovado em: 24.12.2023

